



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Mactiel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone, 737

O IMPERIALISMO DO POVO ALEMÃO

O povo alemão é cúmplice do enorme delicto preparado pelos seus dirigentes, pois nenhuma opposição séria lhe fez. Pelo contrário: até o encorajou. Enquanto nos países latinos e anglo-saxónicos, paralelamente com o desenvolvimento capitalista, se afirmava o internacionalismo proletário contra a guerra e contra a superstição patriótica, opondo as suas forças organizadas ao Estado e ao militarismo, nos países germânicos até o socialismo se mostrou sempre renitente a manifestar-se contra a barbárie patriótica, a não ser com vagas e platónicas afirmações. Recordemos que em todos os congressos internacionais socialistas foram sempre os alemães que impediram a aprovação da Greve Geral insurreccional como resposta do proletariado a uma eventual declaração de guerra feita pelos governantes. E na organização sindical foram ainda os alemães quem obstou a uma resolução semelhante.

E' que nos países germânicos, assim como persistem na nação, mais fortes do que nunca, as sobrevivências feudais, a despeito do maravilhoso desenvolvimento do capitalismo desde 1871 para cá, assim também persistem no proletariado as mais absurdas superstições de ordem social, apesar do desenvolvimento numérico dos seus sindicatos e do partido socialista. A Germânia apresenta-nos o fenómeno estranho de um país em que coexistem, integrando-se, duas forças que em qualquer outro povo tendem pelo contrário a excluir-se reciprocamente: a indústria, o comércio, o banco, todas as actividades burguesas tem lá prodigioso incremento e absoluto domínio no campo económico; mas exercem escassíssima influência no campo político, reservado ás castas fechadas da aristocracia e do militarismo. A Alemanha vem a ser assim, não uma nação burguesa, mas uma espécie de monstro de duas cabeças, como a sua águia, um Estado feudal-burguês, onde são possíveis os mais bizarros anacronismos.

Mas qual é então o princípio, a ideia, o facto que liga as partes diversas deste monstro, com as suas duas cabeças—feudal e burguesa—e com o grande corpo, pesado, potente, enorme, constituido pelo povo inteiro? Seria inconcebível semelhante fenómeno sem um grande sentimento, tam forte e profundo que domine tirânicamente todos os outros, a ponto de fazer renunciar a qualquer lógica. Esse sentimento é o imperialismo. Cada tedesco—seja ele um principote agrário, um industrial, um banqueiro, um negociante, um professor ou um operário socialista,—tem no coração a ideia mística da missão imperial da Germânia. Esta ideia está tam arraigada na tradição e no espirito alemão que se estende até aos campos onde parece que menos deveria medrar. Surgiu quando as ordas germânicas puderam lançar-se sobre o organismo em decomposição da sociedade romana, da qual os recém-vindos se apresaram a declarar-se herdeiros e em breve se concretizou na constituição ideal do Santo Império Romano, que representava no caos medieval o princípio de unidade e de autoridade. As nossas comunas, as nossas republicas—que agitavam, pelo contrário, o princípio oposto de autonomia e de liberdade—conheceram várias vezes toda a brutal violência do imperialismo teutónico. Nem a guerra civil da «bota de ferro» no

primeiro quartel do século XVI, nem a terrível guerra dos trinta anos conseguiram arrancá-lo. Ouvimos com efeito confirmar por Fichte, nos seus discursos á nação tedesca, realizados em 1807, depois de ter a batalha de Jena deixado a Alemanha nas mãos de Napoleão, a ideia da missão imperial da Germânia envolvida num conceito que vem a ser o dos socialistas seus compatriotas. E' claro que as vitórias de 1866 e 1870 e a consequente formação do império alemão sob a hegemonia prussiana tornaram mais do que nunca absoluta na alma de cada teuto a ideia imperialista.

A esta ideia sacrificaram os alemães, todos os alemães, a sua própria liberdade, a ponto de não quererem fazer a revolução para conservar o Estado forte, pondo ao serviço do imperialismo toda a sua formidável capacidade de organização. Nem os socialistas fogem a esta regra e a sua actual attitude é disso a consequencia lógica. Como resolvem a berrante contradição entre o seu internacionalismo teórico e o seu patriotismo prático, explica-o admiravelmente Bakunine numa das suas vivazes polémicas contra Marx: resolvem-na proclamando que «a grandeza e o poder da Alemanha como Estado são a suprema condição da emancipação de todo o mundo, que o triunfo nacional e político da Germânia é o triunfo da humanidade...» E neste não há má-fé alguma, mas sim a convicção absoluta da superioridade tedesca em face dos «latinos que já viveram e dos eslavos que ainda não nasceram», e que por outro lado são demasiadamente bárbaros para vir a ser alguma coisa por si mesmos sem a ajuda da Alemanha».

E' o conceito de Fichte, ao qual atrás aludi, transportado aliás até para todo o movimento operário económico e político, graças ao qual o método sindical alemão e o socialismo germânico acabaram por se impor inflexivelmente na Internacional proletária, implantando nela a concepção centralizadora, estatolatra e pangermânica.

ALCESTE DE AMBRIS.

(De L'Internationale.)

«NADA TEMOS QUE DEFENDER»

Um correspondente dum jornal parisiense sondou a opinião dos camponeses do departamento do Sarthe sobre a guerra. Conversou com as camponesas, espósas, irmãs ou filhas de soldados: nenhuma se resigna ao facto consumado. Travou-se com frequência este diálogo:

—Mas sempre é preciso defender o nosso território!

—Nós nada temos que defender meu senhor. E depois os alemães não tem também uma familia? Porque haviam elles de vir fazer-nos mal?

—Não são os operários e camponeses alemães que querem a guerra, mas os fidalgotes da Prússia. E como os operários e camponeses alemães não tem energia nem força para se livrarem dos parasitas que os aconselham a matar e saquear, os pobres diabos deixam-se levar. Vamos então deixar suprimir as liberdades de que gozamos?

—Nós, os pequenos da aldeia, meu senhor, não gozamos liberdade alguma. Temos que labutar des-

de o ano novo até ao S. Silvestre para poder ir vivendo.

O citado correspondente, aliás homem de ideias modernas, acrescenta que, se se fala de «cultura francesa» a esses rústicos, cuidam que é cultura de trigo e de batatas. Que prova isso? Prova que o homem não vive só de pão, mas é de pão que ele vive primeiramente.

O povo não pode compreender a defesa da «cultura», da «civilização», da «liberdade», dos «interesses superiores da humanidade»—sem ter previamente o pão assegurado, sem gozar das essenciais liberdades económicas.

Faça-se primeiro a revolução que dê tudo a todos, que todos tenham realmente que defender—e veremos as mães, espósas e filhas do povo serem as primeiras a incitar os homens á batalha e correrem elas próprias ao encontro das ordas de escravos. Era o que dizia Bakunine durante a guerra de 70.

Os alemães, criados num ambiente militarista e feudal, atrasados algumas dezenas de anos em relação á mentalidade occidental, acham-se inflamados por um forte sentimento de patriotismo imperialista e agressivo: a esse sentimento os franceses, que já ultrapassaram essa espécie de patriotismo, só poderiam oppor eficazmente o sentimento revolucionário, poderosamente criado pela revolução triunfante, pela conquista de um novo mundo,—de um verdadeiro património, de uma verdadeira pátria.

A guerra, consequencia da paz armada

Ao lado de tantos aumentos que o nosso século trouxe á felicidade e ao conforto da humanidade, trouxe-os também ás suas misérias. Na primeira linha destes últimos está a deplorável descoberta dos métodos que permitem rodear a paz dos piores atributos da guerra. A paz tornou-se tam nociva como a guerra ao desenvolvimento regular da liberdade, pela influencia nefasta dos grandes exercitos permanentes, pela dominação funesta das ideias militaristas. Torna-se nociva, como a guerra, ao bom governo dos homens, pelos seus impostos esmagadores, pelos seus embaraços financeiros, por esse incessante crescer da divida pública, que distingue, com poucas excepções, todos os Estados da Europa. Cria um estado de espirito invejoso e colérico entre as nações. Torna certa a própria guerra, resultado fatal desse estado de preparação armada que fingem apresentar-nos como sendo o verdadeiro preservativo contra os conflitos internacionais...

Sem falar das exigências da presente guerra, os exercitos permanentes contam um efectivo duplo e custam um orçamento duplo do que era outrora considerado intolerável por homens de grande autoridade. Estabelecimentos militares crescentes, divida crescente, tal é o balanço sumário mas exacto da marcha das coisas até á horrível crise actual. E a questão que exige pronta solução é saber se a terrível efusão de sangue e do dinheiro a que assistimos estimulará ainda mais furiosamente para o futuro a loucura destes últimos tempos, ou servirá de prefacio a um periodo de desarmamento, juizo e segurança.

Transcriçãõ feita pela Bataille Syndicaliste

A CONFLAGRAÇÃO

O operariado e as classes médias perante a guerra

No artigo que sob este mesmo título publicámos no ultimo numero d'A Aurora mostrámos quais as verdadeiras causas da guerra actual, quem de ha muito a vinha preparando e tornando inevitável, e por ultimo quem poderia lucrar com ela.

Ha porém um ponto que se torna necessario acentuar, afim de destruir tanto quanto possivel no espirito do povo um grosseiro preconceito habilmente propagado pela imprensa burguesa. Esse preconceito consiste em confundir a vitória de um exercito com o triunfo de um povo.

Ora esta confusão que parece á primeira vista absolutamente natural tem na história o mais categorico dos desmentidos. Assim, na guerra russo-japoneza, por exemplo, foi, como ninguem ignora, o exercito japonês o vencedor; pois apesar disso as condições económicas do povo japonês pioraram extraordinariamente após a guerra; a esta seguiu-se uma pavorosa crise soffrida não só pelo operariado mas tambem pelas classes médias. As fabricas fechavam por toda a parte, atirando á rua milhares e milhares de sem-trabalho, os géneros encareciam, e as contribuições aumentavam.

Eis as delicias da vitória de um povo!

Mas o caso é geral: deu-se na America do Norte após a sua vitória sobre a Espanha; na Italia depois da conquista da Tripolitana; nos Balcanos a seguir á derrota dos Turcos; na Espanha durante a gloriosa occupação de Marrocos, etc., etc.

E o caso explica-se e compreende-se: é que a guerra não é apenas aquella repugnante ceifeira de vidas, que distribui por onde passa o luto e a dor; ela é tambem a implacável destruidora das riquezas que o nosso braço produziu e acumulou durante gerações consecutivas.

Para fazer as despesas da guerra os estados individualizam-se e essas dividas seremos nós, os únicos produtores de todas as riquezas, que as pagaremos; perdemos e estragam-se navios de guerra, canhões, fortalezas, que não-de ser reparadas, reconstruidas á nossa custa, pelo aumento das contribuições. Depois a guerra é um fortissimo abalo económico que atinge todos e que só as grandes empresas industriais e comerciais podem aparar; a pequena industria e o pequeno comércio são de tal modo atingidos, pela paralisação forçada dos seus negócios, que muitas vezes a guerra lhes traz a falecencia. Fabricas paralisadas, officinas fechadas, casas de comércio falidas e encerradas, e o grande exercito dos desocupados aumentado por essa legião de falidos lançados dum dia para o outro na miséria e que nem ao menos um officio sabem!

Mesmo nos países vencedores a grande maioria dos seus habitantes pioram de situação, são lançados na miséria, ficam de facto vencidos, para que meia dúzia de grandes financeiros seus compatriotas (!) tenham o monopólio dos empréstimos nacionais e estrangeiros, para que as grandes empresas industriais consigam novos mercados, onde possam, sem o temor da concorrência estrangeira, roubar á sua vontade os indígenas!

Portanto, nós, os trabalhadores, seja qual for a sorte dos exercitos em luta, sejam quais forem os

países vencedores, seremos sempre e por toda a parte os vencidos.

Os avançados e a guerra

Por outro lado a guerra representa sempre um retrocesso, o triunfo das ideias as mais reaccionárias—a não ser, é claro, que tenha como consequencia uma revolução triunfante.

Posto este caso de parte e analisada a guerra em si ella é sempre o triunfo da reacção.

Ainda ha pouco o dizia um jornal abertamente conservador: «vença a Alemanha ou vença a França, seremos sempre nós, os conservadores, que triunfaremos, porque a guerra, sejam quais forem os seus resultados, representará sempre o triunfo das nossas ideias e o esmagamento do radicalismo, do socialismo, de todas as ideias avançadas.»

E os conservadores que assim falam demonstram franqueza e intelligencia. Duma maneira geral, e sem entrar em linha de conta com prováveis futuros movimentos revolucionários, elles tem razão.

A casta militar, essencialmente conservadora, coberta de prestigio e admirada pelos seus feitos heroicos, impõe-se ao voltar da guerra, e então esta em vez de representar o triunfo das ideias de liberdade, é, pelo contrario, o inicio duma época de conservantismo e de feroz repressão.

E' necessario pois que nos conservemos vigilantes para no momento próprio reagirmos intelligente e energeticamente contra essa onda de conservantismo que pretende avassalar o mundo. De contrario, triunfe a Alemanha ou triunfe a França, os vencidos seremos nós—os avançados.

Porque se não evitou a guerra?

Mas, dirão os leitores, se é verdade que os financeiros e os industriais de ha muito preparavam este estado de coisas de que resultou a guerra, não é menos verdade que, sobretudo na França e na Alemanha, os elementos que tem interesse na paz, de ha muito se preparavam para evitar a guerra; porque não a evitaram?

Entre nós, como em França, e como em todos os países informados pela imprensa afecta aos interesses da «triple entente» attribuem-se todas as culpas aos socialistas alemães; foram eles, dizem, que não souberam ou não quiseram evitar a guerra; deviam ir, se necessario fosse, até á revolução, afim de impedir esta inutil e estúpida carnificina.

Na Alemanha, pelo contrario, assim como nos países por ella exclusivamente informados, attribuem-se as culpas aos socialistas francezes, que não tomaram uma attitude violenta, revolucionária, para impedir a guerra.

Quem tem razão? Uns e outros a tem, porque nem uns nem outros foram até aos ultimos recursos para evitar a guerra.

Em França exigia-se que fossem os socialistas alemães os primeiros a fazer a insurreição, pois que era a Alemanha a agressora; e os socialistas alemães, firmemente convencidos de que a agressão partira da França, como o dizia toda a imprensa germanica, esperavam, com a mesma logica, que os seus camaradas francezes iniciassem a greve geral revolucionária.